

EDITORIAL

Depois de especulações e indefinições, a governadora Yeda Crusius indicou, neste mês de janeiro, um produtor rural para assumir a Secretaria de Agricultura e Abastecimento (SAA). João Carlos Fagundes Machado deixou o cargo que ocupava de prefeito de Camaquã para ser o secretário de uma das pastas mais importantes para a economia gaúcha. É uma das secretarias de maior status, mas também uma das que demandam maior responsabilidade.

Nestes primeiros dias da gestão de Machado, o setor agropecuário deu provas de que quer cooperar. Foram inúmeras reuniões e encontros informais. Antes mesmo da posse, já havia uma lista de entidades que pleiteavam uma audiência com o novo secretário. O interino Celso Bernardi, antecessor de Machado, trabalhou árduo na transição à frente de duas secretarias e teve a missão de tomar decisões com urgência. Apesar da pressa, fez todas com sabedoria, ouvindo as partes envolvidas nas questões.

Agora, uma série de desafios se apresenta ao novo secretário. Nestes primeiros dias de fevereiro, é aguardada a definição sobre a flexibilização ou manutenção da portaria nº 200, que proíbe a entrada no Rio Grande do Sul de carne com osso e animais vivos de outros estados. É um assunto importante para toda a cadeia produtiva e a decisão é esperada com ansiedade. Além disso, em breve, Machado terá que se posicionar acerca do Troca-Troca de sementes e a distribuição gratuita de vacinas contra a febre aftosa aos produtores enquadrados no Pronaf e que possuem até 50 animais.

Não fossem já questões suficientes, o secretário lançou, durante a posse da presidência do Fundo de Desenvolvimento e Defesa Sanitária Animal do RS (Fundesa), na Farsul, a idéia de retomarmos o debate sobre a busca do status de zona livre de aftosa sem vacinação. Ou seja, Machado demonstrou que não se intimida com os desafios e que pretende ir além deles.

É chegado o momento de todo o setor se unir para, com trabalho em equipe, alcançar novos objetivos. O momento é propício. O Estado se recupera das estiagens que o assolaram nos últimos três anos. Temos um governo com o qual há diálogo e compreensão. O dólar está estabilizado e o preço internacional das commodities não tem oscilado. É tempo de dialogarmos para aparar arestas e, juntos, conquistarmos o que o Rio Grande merece.

Loucura do tempo e dos homens

Blau Souza*

Nos tempos que vivemos, não há muito lugar para sentimentos milenaristas, para previsões de fim de mundo ou hecatombe universal com base em passagens bíblicas ou de outros textos sagrados. Há um ceticismo compatível com o século XXI, mas o homem continua o mesmo, com seus medos, suas fobias, agora buscando fundamentação na ciência, em coisas aparentemente certas, objetivas, sem dogmas. Nada mais enganoso e sujeito a paixões, sobretudo quando dão manchetes. É uma felicidade saber que as preocupações ecológicas, de respeito à natureza, ocupam o imaginário do homem em todas as geografias, enfrentam a cada dia novos vilões e exigem mudanças para que o nosso belo planeta continue a girar hospitaleiro e fértil, com águas e terras se complementando sem se agredirem. Continuará ele azul? Razões científicas são invocadas a cada esquina para explicar alterações em grande parte já vividas por nossos antepassados. O sentimento de culpa de cada um e, sobretudo, dos ricos do primeiro mundo reforça os temores e falar da camada do Ozônio caiu no gosto popular. Qualquer manifestação um pouco diferente do clima desencadeia uma série de causalidades com aparente embasamento científico, sem análise crítica, como se fossem dogmas de uma religiosidade capenga. A cultura do caos e o sensacionalismo da mídia enriquecem meias verdades sem alterar no tempo o caminho para o apocalipse. O homem assume culpas e medos numa progressão assustadora que até faz esquecer suas atitudes em favor da

ecologia. As coisas se complicam quando ele fica diante do desconhecido e tem de reagir a situações não experimentadas por seus ancestrais. Crenças imaginosas se afirmam quando não há uma cultura, uma história e dados estatísticos.

O comportamento nosso diante da natureza tem melhorado de forma acentuada nas últimas décadas e não podemos desprezar as vivências dos que nos antecederam e que também se admiravam diante de acontecimentos extraordinários. Meu pai, por exemplo, fez re-

Nem tudo é desgraça e o Rio Grande de Lutzenberger tem obtido conquistas importantes. Nossos rios, ainda que pouco utilizados como vias de transporte, têm recebido obras que otimizam seus cursos e geram energia. Não se repetem, por exemplo, as cheias de Porto Alegre, mas a qualidade da água e a vida dos peixes são desafiadas pela ação poluidora do homem e suas indústrias.

gistros como o que segue: “Tem sido um fim de ano esquisito o presente (1942). A última chuva de vulto foi nos primeiros dias de outubro e depois uma seca fortíssima, com ventos e temperaturas extremas. Era começo de dezembro e tivemos diversas geadas que sapecaram plantações”. Anotações como essas ajudam a ter uma cultura crítica e que se opõe aos que consideram qualquer fato como algo inédito inserido num catastrofismo em que aparecemos como agentes e vítimas.

No Rio Grande do Sul os cuidados ecológicos têm uma evolução contínua e há uma

consciência adquirida às custas de erros e correções bem marcadas. Na campanha, no pampa, as grandes agressões ocorreram no extermínio do gado semeado pelos jesuítas, cujas estâncias de criação eram muito extensas, sendo que a do Yapeju penetrava em terras do atual Uruguai. Medidas restritivas ao abate indiscriminado para obter couros no século XVIII e a valorização dos rebanhos criaram um equilíbrio quase perfeito para o Bioma Pampa. Nunca houve florestas nesta região e os cuidados na implantação de árvores exóticas merecem tanto cuidado quanto a utilização de solos pouco profundos para agricultura intensiva e a não valorização de pastagens nativas, que seriam consideradas ideais em países de primeiro mundo. Na metade norte do Estado pouco restou da mata nativa, mas há reflorestamento, empresas agrícolas menos agressivas no trato do solo, culturas adequadas a regime de pequenas propriedades com mercado assegurado e próximo. Nem tudo é desgraça e o Rio Grande de Lutzenberger tem obtido conquistas importantes. Nossos rios, ainda que pouco utilizados como vias de transporte, têm recebido obras que otimizam seus cursos e geram energia. Não se repetem, por exemplo, as cheias de Porto Alegre, mas a qualidade da água e a vida dos peixes são desafiadas pela ação poluidora do homem e suas indústrias. Apesar de tudo, há avanços, integração de esforços e vitória sobre preconceitos que podem ser festejados com bom vinho, boa cerveja, ótima carne e, por favor, sem passarinhadas.

* Médico e escritor

EXPEDIENTE



FARSUL

Presidente:
Carlos Rivaci Sperotto
Vice-presidente:
Gedeão Silveira Pereira
Diretor Administrativo:
Francisco Lineu Schardong
Diretor Financeiro:
Jorge Rodrigues

SENAR-RS

Presidente:
Carlos Rivaci Sperotto
Superintendente:
Eduardo Delgado
Chefe Divisão Administrativa:
Carlos Alberto Schütz
Chefe Divisão Técnica:
Taylor Favero Guedes

JORNAL SUL RURAL

Diretor: Décio Rosa Marimon
Jornalista responsável:
Marcela Duarte (MTB 9.870)
Fotos: Fabrício Barreto, Marcelo Curia e arquivo
Colaboração: Alessandra Bergmann
Circulação Mensal
Tiragem: 30.000 exemplares

Administração, redação e comercial: Praça Saint Pastous, 125 - Fone: (51) 3214.4400
Fax: (51) 3221.9113 e-mail: sulrural@farsul.org.br - Porto Alegre/RS - Cep 90051-170